Caso 1 · Cracolândia

São Paulo (SP) — de 2012 a 2026

A "Cracolândia" é como ficou conhecida uma cena aberta de uso de crack na região da Luz, no centro de São Paulo, que existe desde os anos 1990 e já foi alvo de dezenas de operações policiais em diferentes gestões municipais e estaduais — quase sempre com o mesmo resultado: o grupo de usuários, chamado de "fluxo", se dispersava por alguns dias e voltava a se formar, às vezes a poucas quadras do lugar original.

Em janeiro de 2014, a prefeitura tentou uma abordagem diferente: o programa De Braços Abertos, baseado em redução de danos, e não em repressão. Cerca de 400 a 500 pessoas passaram a receber hospedagem em hotéis da região, uma frente de trabalho remunerada, alimentação e acompanhamento de saúde. A meta não era acabar com o uso de drogas de uma vez, mas reduzir gradualmente o consumo e reconstruir vínculos sociais e familiares. Dois anos depois, uma pesquisa com os beneficiários encontrou resultados expressivos: 88% relatavam ter reduzido o consumo de crack, que caiu em média de 42 para 17 "pedras" por semana — uma queda de 60%. Os furtos registrados no perímetro do programa também caíram 32%. Ainda assim, o programa foi alvo de forte disputa política: seus críticos argumentavam que ele não havia acabado com a cena de uso aberta em si, embora essa nunca tenha sido sua meta declarada.

Em maio de 2017, a nova gestão municipal encerrou o De Braços Abertos e realizou uma megaoperação policial — quase mil agentes, bombas de gás e spray de pimenta — para dispersar o fluxo, substituindo o programa anterior pelo Projeto Redenção, inicialmente baseado na proposta de internação dos usuários. Nos três meses seguintes, o fluxo mudou de local pelo menos quatro vezes, sempre voltando a se formar a poucas quadras dali. Um relatório conjunto do Ministério Público e da Defensoria Pública classificou o novo programa como ineficaz. Nos anos seguintes, variações desse mesmo ciclo — repressão, dispersão temporária, reformação do fluxo em outro lugar — se repetiram sob diferentes gestões.

Algo diferente aconteceu em maio de 2025. Na madrugada do dia 11, a Rua dos Protestantes — àquela altura, o último reduto de concentração do fluxo — amanheceu completamente vazia. Diferentemente das dispersões anteriores, dessa vez ninguém voltou a se reagrupar ali nem nas quadras vizinhas. A estratégia declarada pelo governo estadual e pela prefeitura não foi apenas dispersar pessoas, mas atacar a estrutura por trás do fluxo: uma operação integrada mirou a Favela do Moinho, apontada como base logística do tráfico que abastecia a região; passou a identificar individualmente os usuários cruzando dados entre diferentes órgãos públicos; e passou a realizar operações quinzenais com cães farejadores. Uma

semana antes do esvaziamento, coletivos de redução de danos foram impedidos de entrar na área — o que, segundo esses grupos, não foi coincidência.

Os números oficiais são expressivos: a média de pessoas no fluxo caiu de 651 em maio de 2024 para 103 em maio de 2025; os roubos na região caíram 70% desde então, atingindo o menor patamar em 14 anos. Passado mais de um ano, autoridades estaduais declararam publicamente que "a Cracolândia acabou e não vai voltar". Mas nem todos concordam que o problema foi resolvido: reportagens de 2026 registram grupos menores de usuários espalhados por diferentes ruas e regiões da cidade. De cerca de 200 pessoas hoje encontradas diariamente em pequenos grupos pelo centro, estima-se que só 10% sejam remanescentes do antigo fluxo. Coletivos de redução de danos denunciam que a dispersão forçada rompeu vínculos com serviços de saúde e assistência construídos ao longo de anos, e que os usuários não desapareceram — apenas se tornaram mais difíceis de encontrar e de ajudar.

Para refletir enquanto lê:

- Em mais de uma década, repressão e redução de danos foram tentadas separadamente, com resultados parciais em ambos os casos. O que a operação de 2025 fez de diferente?
- Os indicadores usados para declarar "o fim da Cracolândia" (número de pessoas na área, roubos na região) são suficientes para afirmar que o problema foi resolvido? Que outros dados você gostaria de ver antes de concordar?
- Se os usuários realmente só se dispersaram para outros pontos da cidade, isso muda sua avaliação sobre se essa foi uma política bem-sucedida?

Leia mais (fontes originais)

- Rui, Fiore & Tófoli (2016) — avaliação do De Braços Abertos (PBPD/IBCCRIM, PDF gratuito) — https://pbpd.org.br/wp-content/uploads/2016/12/Pesquisa-De-Bracos-Abertos-1-2.pdf
- Alves, Pereira & Peres (2020) — "Nascimento, vida e morte de uma política pública" (Cadernos de Saúde Pública, acesso aberto) — https://doi.org/10.1590/0102-311x00213918
- Agência Pública (2025) — sobre o esvaziamento da área e o veto aos coletivos de redução de danos — https://apublica.org/2025/05/cracolandia-prefeitura-barrou-grupos-antes-do-sumico-do-fluxo/
- Brasil de Fato (2026) — acompanhamento crítico um ano depois — https://www.brasildefato.com.br/2026/03/23/dispersao-forcada-e-vigilancia-o-novo-cenario-da-cracolandia-em-sao-paulo/
- Governo de São Paulo — balanço oficial de um ano do "fim da Cracolândia" — https://www.agenciasp.sp.gov.br/entenda-como-trabalho-integrado-do-governo-sp-rompeu-a-logica-do-crime-organizado-na-cracolandia-e-requalificou-o-centro-da-capital/